

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Escola de Belas Artes  
Programa de Pós-graduação em Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias  
Contemporâneas

Sílvia de Souza Lima

**ECOMUSEU DO CIPÓ:  
Arte Educação na dimensão social da vida em comunidade**

Belo Horizonte

2023

Sílvia de Souza Lima

**ECOMUSEU DO CIPÓ:**

**Arte Educação na dimensão social da vida em comunidade**

Monografia de Especialização em formato de artigo científico apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Luana Carla Martins Campos Akinruli

Belo Horizonte

2023

Ficha catalográfica  
(Biblioteca Prof. Marcello de Vasconcellos Coelho - EBA- UFMG)

707  
L732e  
2023

Lima, Sílvia de Souza

Ecomuseu do Cipó [recurso eletrônico] : arte educação na dimensão social da vida em comunidade / Sílvia de Souza Lima. – 2023.  
1 recurso online.

Orientadora: Luana Carla Martins Campos Akinruli.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Monografia em formato de artigo científico.

Inclui bibliografia.

1. Ecomuseu Cipó. 2. Arte – Estudo e ensino. 3. Arte e educação. 4. Arte e sociedade. 5. Cipó, Serra do (MG). I. Campos, Luana Carla Martins. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: **SILVIA DE SOUZA LIMA**, Nº. DE REGISTRO: **2021726112**.

TRABALHO FINAL: **"ECOMUSEU DO CIPÓ: ARTE EDUCAÇÃO NA DIMENSÃO SOCIAL DA VIDA EM COMUNIDADE"**.

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

**APROVADO** em 30 de junho, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Profa. Dra. Luana Carla Martins Campos Akinruli (Orientadora/CEEAV/PPG Artes/EBA/UFMG)

Profa. Dra. Andréa Rizzotto Falcão (IFRJ/ Membro da Banca Examinadora)



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Rizzotto Falcão**, **Usuário Externo**, em 04/07/2023, às 10:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luana Carla Martins Campos Akinruli**, **Usuário Externo**, em 07/07/2023, às 19:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2438398** e o código CRC **96B4B6CE**.

*Para Maria Fabíola (1930 - 2023),  
a flor mais linda e cantante  
do meu jardim!*

## **ECOMUSEU DO CIPÓ: Arte Educação na dimensão social da vida em comunidade**

### **RESUMO**

O presente texto tem por intenção apresentar o Ecomuseu do Cipó e os processos de construção de aprendizados coletivos dentro de suas práticas artísticas comprometidas com o intercâmbio de saberes, respeito e valorização das pluralidades culturais. Não apenas dentro dos campos museológicos ou artísticos – em suas teorias e práticas –, mas em sua transcendência ao inverter os processos de produção de conhecimento, em uma investigação participativa, reconhecendo a cultura como um patrimônio vivenciado no cotidiano pela comunidade. Ratificando a concepção de que a Arte Educação e a Museologia Comunitária devem se tornar um lugar de transmissão de conhecimento interdisciplinar, sendo capaz de oferecer um leque de oportunidades de expressão, de reconhecimento e pertencimento de culturas e comunidades.

**Palavras-chave:** museu comunitário; Ecomuseu do Cipó; arte educação.

## **CIPÓ ECOMUSEUM: Art Education in the social dimension of community life**

### **ABSTRACT**

This text aims to present the Cipó Ecomuseum and the processes of collective learning within its artistic practices, which are committed to the exchange of knowledge, respect, and appreciation of cultural pluralities. Not only does it operate in the museology or art fields- in their theories and practices, but also in its transcendence when reversing the processes of knowledge production into a participatory investigation, recognizing the culture as a heritage experienced in everyday life by the community. Ratifying the concept that Art Education and Community Museology should become a place for interdisciplinary knowledge transmission, capable of offering a vast range of opportunities for expression, recognition and cultural and community belonging.

**Keywords:** community museum; Cipó Ecomuseum; art education.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 O SERPENTEAR DO CIPÓ</b> .....	12
2.1 Museologia comunitária – questões conceituais .....	12
2.2 Caminhos para o Cipó .....	14
<b>3 CIPÓ CONTEMPORÂNEO</b> .....	19
3.1 Afirmação da história, memória e entrelaçamentos .....	19
3.2 A arte educação na dimensão social da vida em comunidade .....	21
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	27
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	29

## 1. INTRODUÇÃO

O Cipó, flexível e ao mesmo tempo resistente, serpenteando árvores, envolve a floresta. Deu nome a uma serra e a um rio. Esse mesmo cipó, que atava galhos, barro e homens, entrelaçou vidas que alimentaram os tropeiros do ouro e diamantes, unindo comunidades nas Gerais.

O Ecomuseu do Cipó, cipó contemporâneo, ata o cotidiano na jornada da redescoberta de identidades. Edifica janelas para o futuro, entrelaçando o passado com o presente, ao mesmo tempo, efetiva um novo tropeiro que se alimenta da história e se consolida na afirmação da diversidade e riqueza do patrimônio cultural da Serra do Cipó.

(Relato de Geraldo José da Silva e Fátima C. Caires em exposição permanente na sede do Ecomuseu)

Assim iniciamos nossa história: através do entrelaçamento e do contínuo movimentar do cipó e sua gente. Logo, o presente texto tem por intenção apresentar a trajetória de um projeto que nasceu desse serpentear de arbustos, águas e serras e, por isso mesmo, não poderia deixar de ser coletivo. Faz-se na caminhada, nos versos melódicos de violas, sopros, sons e ventos de uma comunidade que encanta na descoberta de suas potencialidades enquanto cidadãos do mundo, mas, principalmente, do Cipó.

Este artigo compartilha as vivências do Ecomuseu do Cipó e os seus processos de construção de aprendizados coletivos através de práticas artísticas comprometidas com o intercâmbio de saberes, respeito e valorização das pluralidades culturais. Como a árvore trepadeira, o projeto abre os caminhos nos campos da museologia e das artes buscando, a cada nova empreitada, semear a prática comunitária ao inverter os processos de produção de conhecimento em uma investigação participativa. Também, de forma a reconhecer ali a cultura como um patrimônio vivenciado no cotidiano da comunidade com os seus saberes e suas relações de afeto.

No Ecomuseu do Cipó a arte está presente em tudo que faz, pois ela é o elemento que integra as pessoas, a cultura e os patrimônios daquela comunidade. É fluída, tendo capacidade e alcance de entrar em espaços inimagináveis, de quebrar as barreiras mais duras e unir aquilo que foi separado por diferenças que verdadeiramente não existem. Assim, vislumbra-se que a arte pode projetar uma sociedade mais igualitária, onde os participantes são cidadãos conscientes de sua importância para manutenção da própria história.

O projeto aqui descrito acontece na Serra do Cipó, distrito do município de Jaboticatubas, localizado na região sul da Serra do Espinhaço, sendo um dos conjuntos naturais mais exuberantes do Estado de Minas Gerais. Situada a cerca de 100 km da capital Belo Horizonte, está entre os municípios de Itambé do Mato Dentro, Morro do Pilar, Nova União e Santana do Riacho. Além da sua importância geológica, diversidade de fauna e flora, a região é considerada um divisor natural das bacias hidrográficas dos rios São Francisco e Doce, integrando assim diversos circuitos turísticos mineiros. Contempla um dos maiores parques nacionais do país e possui o título de "Jardim do Brasil" que foi dado pelo paisagista Burle Marx em 1950.

O período colonial mineiro também é bem entrelaçado à região através do desejo do homem de conquista e desbravamento territorial em busca de riquezas, criando nesse local as estradas para o Serro do Frio e Tejuco, mais tarde chamadas de Serro e Diamantina. Hoje em dia integra o Caminho dos Diamantes da Estrada Real, ressaltando a importância desse local para a história mineira e também brasileira.

Contudo, por sua expressiva beleza cênica e pelos seus atrativos naturais, a Serra do Cipó vem se constituindo em um palco de mudanças socioespaciais, ocasionadas pelo fluxo cada vez maior de visitantes e a crescente ocupação caracterizada pelas residências de lazer. Ademais uma nova população da capital se estabelece nas zonas rurais, chamados de sítiantes, promovendo grandes especulações imobiliárias também impulsionadas pelo crescimento do "vetor norte" com a instalação da Cidade Administrativa do Estado de Minas Gerais. O neoextrativismo minerário da região de Conceição do Mato Dentro, município vizinho, também tem gerado impactos ambientais incontornáveis para a região.

Diante deste crescimento urbano e populacional, observa-se na região da Serra do Cipó o confronto de situações diferenciadas: de um lado, a presença da população local, que ainda guarda vestígios de uma vida rural marcada culturalmente por sabedorias e tradições seculares; e de outro a chegada de uma população urbana, produzindo uma ocupação desordenada e desenraizada. Neste quadro, surge uma possibilidade de preservação dinâmica e criativa dessa cultura, no local onde a Serra inicia: a Fazenda do Cipó, no município de Jaboticatubas.

A origem desta propriedade coincide com a época da descoberta de ouro na região. Antigo rancho dos Bandeirantes, foi uma das primeiras edificações coloniais e

ainda hoje é frequentada pelos moradores para celebrações religiosas e comemorações tradicionais, justificando seu tombamento no nível municipal em 1996. É composta por construções de época como senzalas, capelas, casas coloniais, antigos maquinários, além da natureza preservada e o acesso ao Rio Cipó em suas margens.

Em 1912, o viajante francês Jean Montelaur, juntamente com Afonso Arinos de Melo Franco, fez uma incursão à cavalo no sertão das Gerais. Na narrativa dessa viagem, ele compara sua comitiva e a dos bandeirantes, na qual reflete que apesar dos íngremes caminhos que percorrerão até o local, sabiam o que os esperava ao final da etapa: “abrigo, refeição e mesa posta, anfitriões precavidos e hospitalidade cordial” (MONTELAUR, 1918, p. 4). Mas, na medida em que chegavam na antiga Fazenda passavam a não acreditar que haveria algo por ali, pois a mata era densa, sombria e os campos desertos. De repente, o cenário mudou com as portas se abrindo, inúmeras pessoas aparecendo com suas velas e

toda a casa, toda a família daqui, de uma só vez despertada, parece, numerosa e turbulenta, nos acolhe como amigos! Não esquecerei nunca a extraordinária impressão de nossa chegada nessa plantação. [...]. A fazenda, a serra, o rio, os saltos chamam-se Cipó, que é o nome de uma longa trepadeira florida, muito abundante na região. Creio que foi a plantação que primeiro recebeu essa floral e encantadora nomenclatura, e que, por extensão, montanhas, rio e cachoeiras, até então desconhecidos, chamaram-se assim. (MONTELAUR, 1918, p.67-76)

Tendo conhecimento dessa importante história e acreditando que cultura não se limita a uma ação pontual, mas sim há um processo com sentido contínuo em todos os espaços sociais, o Ecomuseu do Cipó se consagra neste local, muito antes de ter nome, de ter a identidade, ou mesmo compreender o que é um processo museal. Surgiu do serpentear do rio e da roda de seresta, da vontade de contar histórias e ouvir sua gente, incentivando, através de ações de cidadania, um movimento na comunidade do entorno da Fazenda do Cipó de integração.

## **2. O SERPENTEAR DO CIPÓ**

Iremos percorrer pelo serpentear do cipó criando uma correlação entre a história da museologia comunitária e as primeiras vivências artísticas nas comunidades tradicionais da Serra do Cipó. Consistindo em um breve e singular relato na maneira de considerar a arte e suas repercussões dentro de um ambiente social e coletivo.

### **2.1. Museologia comunitária – questões conceituais**

Fundamental compreender que o conceito da museologia comunitária, desde o início da década de 1970, é associado aos movimentos museológicos liderados pelo museólogo Georges Henri Rivière, primeiro diretor e conselheiro permanente do Conselho Internacional de Museus – ICOM/UNESCO. Naquele momento, a reflexão se detinha sobre o papel do museu na sociedade, além da relação do homem e do patrimônio, evidenciando a importância da abordagem política e social nos processos museológicos. Nascia ali uma nova museologia, na qual a dimensão cotidiana era observada a partir de um olhar antropológico. O historiador Hugues de Varine, importante referência internacional na área, conceitua a abordagem não mais verticalizada dos museus como “Ecomuseologia”, posto que o institui como um espaço que vai além do modelo tradicional, cercado por paredes, ampliando o território numa interação contínua do patrimônio com a comunidade no qual está inserido. O pesquisador Mário Caneva de Magalhães Moutinho, a partir das reflexões sobre a Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, conceitua, por sua vez, o Museu Integral, uma vez que para ele cabe à museologia intervenções ativas que contribuam para transformações sociais, econômicas e culturais na vida em comunidade.

Esse novo museu, [...] é uma instituição ao serviço e inseparável da sociedade que lhe dá vida. Capaz de estimular em cada comunidade uma vontade de ação, aprofundando a consciência crítica de cada um dos seus membros. Buscando os fundamentos da ação nas condições históricas de desenvolvimento de cada comunidade. A este museu, compete igualmente uma prática direta nos processos de desenvolvimento fazendo uso da interdisciplinaridade em particular na área das ciências humanas. (MOUTINHO, 1989, p.35-36)

No ano de 1984, a Declaração de Quebec adotava vários princípios baseados na museologia ativa, visando o desenvolvimento das populações onde o museu estava inserido. Opondo-se à lógica de constituição das coleções, esse movimento trabalhou, inicialmente, as questões afetivas, inquietantes e cognitivas relacionadas ao patrimônio e ao território, sendo o público, usuário ativo, também criador e colaborador neste espaço.

Na Declaração de Caracas – Venezuela em 1992, foi revista a ideia do Museu Integral, reformulando-a para Integrado, sendo a instituição considerada um agente em interação com a sociedade, em um contínuo processo de desenvolvimento comunitário através dos processos patrimoniais, culturais e sociais. Portanto, o ecomuseu pode ser considerado um movimento que possui objetivos de grandeza científica, cultural, social e econômica, tratados com os recursos da museologia, ou seja, coleta, conservação, pesquisa, salvaguarda, criação, que transforma em instrumentos adaptados ao local de sua abrangência.

Ao abordar a questão do desenvolvimento comunitário nos vêm as indagações pertinentes aos autores Gupta e Ferguson sobre as identidades das culturas, afinal, quem reconhece um patrimônio ou faz distinções são, de fato, quem ali se percebe como sujeito participante. Isto é, não é um museu institucionalizado que deve dizer quais são as ordens e prioridades, mas sim quem é sensível a elas.

O “multiculturalismo” é, ao mesmo tempo, um débil reconhecimento do fato de que as culturas perderam suas amarras a lugares definidos, e uma tentativa de subsumir essa pluralidade de culturas na moldura de uma identidade nacional. Da mesma forma, a ideia de “subcultura” tenta preservar a ideia de “culturas” distintas, ao mesmo tempo em que reconhece a relação de diferentes culturas com uma cultura dominante dentro do mesmo espaço geográfico e território. Explicações convencionais sobre etnias, mesmo quando utilizadas para descrever diferenças culturais em cenários povos de regiões diferentes vivem lado a lado, pressupõe uma ligação problemática entre identidade e lugar. Embora sejam sugestivos porque procurem alargar a associação naturalizada de cultura com lugar, tais conceitos deixam de interrogar os pressupostos de uma forma realmente fundamental. Precisamos nos perguntar como tratar a diferença cultural ao mesmo que tempo em que abandonamos os clichês sobre cultura. (GUPTA; FERGUNSON, 2000, p. 33)

O Ecomuseu do Cipó busca contribuir para uma comunhão de ideias que não neutralize as diferenças culturais, pelo contrário, que potencialize vozes, diálogos do correr cotidiano da gente do Cipó, em uma construção contínua (e nunca pronta) de

um plano museológico coletivo. Esse, documento vivo e passível de mudanças e permanências, apresenta-se como o registro da formação e afirmação de identidades e territórios. Nesse incessante movimentar do Rio, da Serra, do Cipó, encontram-se as forças que permeiam a formação de culturas e valorização das suas interações simbólicas, ou seja, aquilo que é congruente e notável para a comunidade.

## **2.2. Caminhos para o Cipó**

Mas, como a arte pode encontrar espaço no mundo atual que proporcione uma pequena/grande reviravolta cultural, intimamente ligada às raízes culturais de quem a produz? Especificamente, o relato que trago aqui pode elucidar alguns pontos, mas não é, e nem tem a pretensão de ser, um modelo a ser seguido como receita pronta. Explanam-se ideias, respostas que também não contemplam a abrangência da realidade, mas, mesmo assim, entendendo esse contexto, assume uma “pequenez” de tentativa com muita alegria e maturidade.

Após dez anos de trabalhos ininterruptos na coordenação geral do Ecomuseu do Cipó, encontro-me atualmente em um momento de ponderação. Sinto que é preciso e necessário observar essa trajetória e “jogar luz” nos processos realizados, pois esses são, ao meu ver, um trabalho genuíno de arte educação na dimensão social da vida em comunidade. Por mais que esse relato de experiência seja um momento de atuação solitária, longe dos protagonistas do projeto, crianças, adultos e idosos “cipóenses”, compreendo que as considerações aqui apresentadas também contribuem para o contínuo caminhar da arte aliada à educação patrimonial. Afinal, observar, aprender e participar é, essencialmente, o que “pulsa” um museu comunitário e fomenta espaços de diálogos constantes entre sociedades tradicionais, estudiosos e políticas públicas.

Importante destacar que nenhuma das ações aqui descritas seriam possíveis sem a participação principal e essencial da comunidade do entorno da Fazenda do Cipó, sede do projeto. Eles são intérpretes legítimos da cultura e, devem ser, os maiores interessados em sua preservação. Dessa forma, se não há participação ou concordância por parte deles, um ecomuseu não existe. Portanto, o cuidado em evidenciar quem são de fato os protagonistas se faz pertinente quando reconhecemos na prática do ecomuseu a pedagogia decolonial defendida por Catherine Walsh.

Compreende-se, ao prescrutar esse conceito, que não é possível uma experiência museológica comunitária sem pensá-la como um projeto político que implica

em um trabalho de orientação decolonial, dirigido a romper as correntes que ainda estão nas mentes (...); desescravizar as mentes (...); e desaprender o aprendido para voltar a aprender (...). Um trabalho que procura desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade – estruturas até agora permanentes – que mantêm padrões de poder enraizados na racialização, no conhecimento eurocêntrico e na inferiorização de alguns seres como menos humanos. (WALSH, 2018, p. 24)

Como o cipó que abre caminho em meio à floresta densa, esta pesquisa reconhece na fala de Walsh (2018) sua luta ao promover ações artísticas e educativas em prol de um bem maior que, muitas vezes, não apresenta clareza de suas terminologias, conceitos ou campos de conhecimento. A intencionalidade está em “romper correntes” antes mesmo de problematizar, contribuir para alargamento de consciências e identidades. Isto, em uma busca incessante por apropriação de territórios e reafirmação de memórias “naturalmente” excluídas em detrimento de um poder colonizador.

Fica evidente que ao iniciar em 2010 um projeto de arte educação, sem muita pretensão de algo duradouro, compartilhávamos de uma postura do aprender a apreender o que de fato aquelas pessoas querem expressar. Mesmo atuando a bastante tempo como professora de música em Belo Horizonte, minha primeira impressão foi de encantamento com a receptividade dos moradores, ao mesmo tempo em que descobria uma Serra do Cipó para além das belezas naturais que os turistas almejam conhecer. Existia ali pessoas oriundas daquela terra, com núcleos tradicionais, marcas da história colonial, negra e indígena do nosso país. Isso, de fato, foi um “descobrimento” para mim!

À convite da pedagoga Maria Stela Ferreira, moradora da Fazenda, conheço o “Espaço Cultural Nhá Rita”, idealizado por ela, dedicado à memória local e composto por documentos e objetos centenários herdados de sua família. Contudo, estavam organizados e dispostos em uma antiga senzala onde recebiam escolas de toda a região com visitas guiadas e oficinas. Havia em Maria Stela um cuidado e uma preocupação que o passado da região da Serra do Cipó fosse contado, repassado, ensinado para as futuras gerações.



Esse seu desejo começava a ficar evidente também nos encontros musicais, que já não podiam ser chamados de aula, pois a intencionalidade ali era outra. Não havia o lugar do ensino anacrônico, descontextualizado do local onde estava inserido, com a autoridade pertencendo a poucos. Mais relevante que saber as notas em uma partitura formal, o que importava era tocar e estar juntos, conversar, ouvir uma história, brincar. A cada encontro mais pessoas chegavam à pé e à cavalo, não existia tempo ruim. Isso me tocava de tal maneira que por algum tempo, não pensava muito no que de fato acontecia naqueles dias de sábado na Escola Municipal Padre Candinho, no entorno da Fazenda do Cipó, em um pequeno edifício de três salas e um refeitório, que atendiam crianças da pré-escola e turmas mistas do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental. Apenas me deixava levar pelo movimento do lugar e das pessoas.

Sem sinal de telefone, sem tecnologia disponível, em uma zona rural, pequenos “encantamentos” aconteciam a ponto da Música – minha parceira de trabalho por tantos anos –, ganhar novos contornos e possibilidades. As melodias didáticas que seguiam categoricamente na minha antiga praxe escolar, ali, sem nenhuma modéstia, ganhavam contornos de simplicidade e de beleza. Os avós que estavam a observar, espontaneamente, começavam a acompanhar seus netos no violão. Cada dia que se passava, um pai, um tio, uma mãe, uma avó, chegavam às aulas e participavam sem nenhum empecilho, como um processo natural, o correr do rio. A música promovia interações comunitárias.

De fato, era algo estranho, pois até então não imaginava que crianças e jovens se sentissem à vontade para aprender juntos, lado a lado aos mais velhos. A divisão etária dentro de ambientes de conhecimento sempre foi fator determinante na divisão de turmas e ensino. Mesmo na arte, em que muitas vezes não estamos em espaços propriamente formais de educação, é raro acontecer turmas mistas com tranquilidade. A prática em conjunto ocorria de forma espontânea e, principalmente, o intercâmbio de gerações se apresentava como uma excelente vertente de trabalho e possibilidade de imersão musical. Importante destacar que a música e a performance musical são construções sociais que podem engendrar outras possibilidades de atuação, tendo em vista

um mundo aberto – uma formação nova que tanto pode levar a uma maior mistura das culturas como a uma concentração de tradicionais valores culturais –, defrontamo-nos com a tarefa de estabelecer entre todos os membros da família humana relações mútuas plenas de

amizade e boa vontade, convencendo-os de que devemos dividir entre nós não apenas o que conquistamos pela experiência da história, mas também o que criaremos mediante cooperação planejada e intercâmbio generoso em todas as esferas da vida. (KOELLREUTTER apud BRITO, 2001, p. 52)

A ludicidade, tão presente nas aulas infantis (e em minha formação), estendia-se para os adultos na mesma linguagem, ou ainda, na mesma responsabilidade. Havia empatia com aquelas melodias de poucas notas e em meio às frases da canção, mãe e filho começavam a cantar. “Eles conheciam as músicas!”. De fato, eram canções infantis de uma outra época, eram retratos de uma sociedade que não estavam nos centros urbanos, estavam à margem, no pé da serra, no vento das árvores.

Ao final dessa imersão, muitas coisas passavam pela minha cabeça de musicista e educadora. Não era possível mais “deixar levar”, pois presenciava uma outra forma viver, de tratar a arte e interagir com pessoas. O que devo ensinar, ou mesmo, qual é a minha posição nesse grupo? Porque essas pessoas querem estar próximas? Porque um senhor lembrando uma moda de viola, uma mãe contando da infância e uma criança ouvindo, ao mesmo tempo que imita um lagarto que viu na estrada de terra, todos cantando e tocando juntos, é algo motivador para aquela comunidade?

Narrar uma história que vire uma criação musical; os mais velhos lembrando canções antigas e “quase” esquecidas; os jovens contando o que fazem e crianças inventando o futuro. Assim é o projeto Música na Serra, espaço aberto para criar e tocar, possibilitando o diálogo entre as gerações e, uma reflexão do seu significado hoje e no passado. (Contracapa do CD “Música na Serra” – 2013)

Pedir aos adultos que, através do uso da memória, cantem ou narrem suas lembranças e causos, principalmente de infância, não era pedir para reviverem esse período, significava um trabalho de pensar, refletir sobre o seu significado hoje em dia e no passado. Com esses dados recolhidos, dentro de uma oficina de arte-educação, podem surgir inúmeras criações artísticas, dentre elas, rearranjos musicais, pinturas, poesias, canções. Onde todos podem efetivamente participar, sem necessariamente possuir um conhecimento prévio.

Dessa troca se estabelece uma perpetuação da cultura antiga com a nova geração. A história sendo recriada pelos que viveram com aqueles que ainda estão por realizar. O poder da palavra do narrador se alia à curiosidade do ouvinte e, desse modo, constrói-se uma estreita relação de cumplicidade entre ambos. O mesmo se dá em um processo de pesquisa, onde todos se aproximam com o intuito de se fazerem conhecer, usando seus sentidos e seu potencial de atribuir significação aos fragmentos de sua história de vida.

Assim, avançávamos no projeto como os cipós na mata fechada. Sob a lógica de fortalecer os encontros musicais, esse se tornou, formalmente, o projeto “Música na Serra”. Compreendia-se que havia nas pessoas daquela comunidade um desejo de serem ouvidas, representando a luta na afirmação do direito ao dizer e da valorização da argumentação, tão caros à defesa da democracia.

Quanto mais trilhávamos os caminhos e fortalecíamos como um grupo atuante através da arte educação, mais nos afirmávamos na contemporaneidade. O “Música na Serra” ganhava novos contornos, o cipó se amarrava a mais troncos, tornando um “guarda-chuva” de outras ações de pertencimento e escuta daquela comunidade cipoense.

### **3. CIPÓ CONTEMPORÂNEO**

Dos contornos do arbusto pela mata densa chegamos na clareira, onde o rio passa trazendo novos conceitos, pertencimentos e reflexões sobre arte e música, na medida em que se empenham para a promoção da cultura viva na comunidade cipoense.

#### **3.1. Afirmação da história, memória e entrelaçamentos**

Depois de alguns anos, nomeando nossas ações como um projeto artístico de circulação de saberes tradicionais, as atividades foram ampliadas e novos parceiros chegaram. Ainda não era considerado um museu, mesmo agregando o “Espaço Cultural Nhá Rita” e suas coleções, documentos e objetos históricos. A equipe de profissionais e a comunidade trabalhavam até aquele momento instintivamente, como alguém que prova um prato gostoso e começa a cozinhar obstinadamente a procurar todos os ingredientes que estão na memória do seu paladar. Assim éramos, até que nos deparamos com a terminologia “ecomuseu” se diferenciando de um museu tradicional em relação a três aspectos: espaço, conteúdo e público.

Nesse momento, os participantes se reuniram e com entusiasmo estudamos todo o site da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC. Realmente tudo fazia muito sentido, a identificação foi clara, pois afirmava nesse conceito uma maneira daquele grupo, comunidade, cultura se apresentar oficialmente para o mundo. E, assim, confirmava

a singularidade desse processo e com um novo olhar assinalar também o papel do técnico em museologia, saído da comunidade e motivado pelo processo por ela vivenciado, e a sua relação com essa comunidade da qual faz parte, como um intelectual que buscou fora dela as fontes da academia para entender e explicar a criação e a gestão comunitária desse museu. (PRIOSTI, 2013, p. 62)

Naquela época, em meados de 2012, inseguros ao usar essa nova terminologia, apresentamo-nos à então presidente da ABREMC, Odalice Priosti, como oficinas de arte e educação patrimonial na zona rural mineira. Mas, assim que ouviu os relatos, com carinho acolheu a proposta, considerando-nos legítimos atuantes da museologia comunitária. Poucos dias depois, apresentou-nos para todo o público no

“IV Encontro Internacional de Ecomuseu e Museus Comunitários” realizado em Belém no Pará como “Ecomuseu do Cipó”.

Foram as nossas boas-vindas ao mundo da museologia comunitária de forma afetiva e valorosa. Mais tarde iríamos compreender que esse é o caminho, através de muito respeito, para a profícua relação entre a educação e o museu, potencialidades e dignidades, o exercício comunitário como uma ação libertadora, tão propagada pela saudosa Odalice Priosti.

Assim sendo, o Ecomuseu do Cipó, passou a ter uma perspectiva ampliada de seus bens culturais, entendendo que o patrimônio de uma comunidade está espalhado pelo território e presente no cotidiano das pessoas. Crescíamos para o mundo ao mesmo tempo que, cada vez mais, a arte fluía em todas as ações para o fortalecimento das ações internas, seja de criação, de reconhecimento ou de salvaguarda. Promovendo a formação de novos públicos e agentes multiplicadores das sabedorias populares, contribuindo para a construção de uma rede solidária de cultura tradicional. Confirmando que “a pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo” (FREIRE, 2021, p. 285).

Paulo Freire (2021) dialoga em sintonia com o correr do rio das ações no Cipó. A partir do momento que a comunidade se torna consciente do seu papel no território, que também se identifica e mantém suas relações de afeto e de luta, de forma que tenderá a não mais aceitar, por exemplo, o desprezo de quem quer seja por sua história. Considera-se ainda que, ao estimular na população o reconhecimento de sua identidade, promove-se uma melhora na qualidade das relações entre moradores e turistas, reordenando-as em bases equilibradas e justas, sobretudo, ao assegurar a preservação de modos de vida tradicionais. Pois, somente através da cultura, é possível o enraizamento em seus espaços vividos, o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao lugar, assim como a um crescente desenvolvimento do convívio social. Enfim, possibilita ser vetor na formação de cidadãos íntegros e integrados com o mundo.

Além do mais, ao recusar-se a se acomodar-se, as ações desenvolvidas propulsionaram um movimento na comunidade de integração e organização das ideias. As boas práticas advindas dessa postura são inúmeras, entre elas o intercâmbio entre diferentes gerações, trabalhando e pensando juntas, crianças,

jovens e adultos; o conhecimento de tradições seculares; a promoção humana através da autoestima e da valorização de culturas e sabedorias populares; a união do poder público, comércio e comunidade de moradores; a visibilidade da região nos meios de comunicação; o processo de revitalização de bens tombados; a promoção de debates e discussões sobre qualidade de vida, cultura e cidadania; o movimento da economia local e o incremento da renda de moradores.

Para tanto, a definição que melhor ampara as ações na Serra do Cipó é a compartilhada pelo Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH – RJ) que conceitua ecomuseu como uma ação museológica consciente da comunidade com o objetivo de desenvolver o território que habita, a partir da valorização da história local e do patrimônio (natural e cultural) nele existente.

### **3.2. A Arte Educação na dimensão social da vida em comunidade**

O mundo intelectual, cultural é um grande lago, onde todos nós jogamos pedras. Umas um pouco maiores, outras menores, mas nós movimentamos esse lago. Isso é o que me parece essencial: o movimento. (KOELLREUTTER apud BRITO, 2001, p.51)

Das experiências vividas no Ecomuseu do Cipó e também compartilhando práticas entre outros ecomuseus pelo Brasil, percebo que nossa caminhada na arte educação, principalmente com a música, é algo singular e valioso. O processo musical no contexto do projeto, constituído por ações e interações entre pessoas de diferentes faixas etárias e suas mais variadas concepções de mundo, valores, conhecimentos e expectativas, inseriu-se em uma visão sociocultural da educação musical. Isto, por se manifestar como um caminho para engendrar bens coletivos e protagonismo em uma comunidade rural ameaçada a desvanecer frente a um contínuo crescimento urbano.

A partir de uma perspectiva fenomenológica, podemos afirmar que as vivências educativo-musicais do Ecomuseu do Cipó se mostraram enquanto um trabalho construído em constante diálogo com as condições do contexto em que ocorreram. De caráter colaborativo e interativo, foi realizada, ditada e mediada pelos principais atores dessa história, tendo como fio condutor a prática coletiva caracterizando a afirmação da cultura cipoense.

Compõe-se, portanto, como referencial teórico para uma interpretação dos processos artísticos percorridos pelo Ecomuseu, a proposta da educação musical que

considera a formação humana como seu principal objetivo. Esse olhar põe foco no potencial do participante, no que ele tem de luminoso e de transformador da realidade em que vive, e não em suas supostas carências, faltas ou nos riscos a que está exposto.

Conseqüentemente, é a transformação da arte em "arte significativa ou arte funcional", como é compartilhado pelo educador Koellreutter (2001). O autor afirma que o funcionalismo dentro da prática educacional toma como objetivo as necessidades da sociedade atual, do indivíduo real e não fundamentada em valores, princípios e conteúdos que remetem a épocas passadas, na qual viviam outros seres humanos com necessidades e características específicas.

A ponderação pode ser confirmada através do repertório desenvolvido nas oficinas de música do Ecomuseu do Cipó constituído predominantemente por duas vertentes – sejam as canções recolhidas e/ou revisitadas através das memórias apresentadas pelos mais velhos; ou as composições coletivas criadas junto dos participantes de todas as idades, envolvendo discussões de assuntos do cotidiano ou questões sociais importantes, como o consumismo, empoderamento, entre outros temas. Os arranjos de ambas, também construídos coletivamente, favorece a cognição, a percepção, a abstração, a consciência do todo, o raciocínio e a crítica, questões centrais nas reflexões do educador Koellreutter (2001).

Sendo assim, ao pensar nos processos vividos dentro da experiência museológica, torna-se evidente que a prática musical não seria possível sem a aproximação com a educação patrimonial, sem “abrir a porta” de fato para que a comunidade acolhesse essa abordagem. Pois, era algo evidente, inclusive com a consequência de acabar antes mesmo de ter começado, caso não houvesse esse olhar cuidadoso para as necessidades daquelas pessoas. Por conseguinte, o Ecomuseu do Cipó não existiria se isto não fosse seu “carro chefe”: a música, a arte e a liberdade de expressão. Isto, porque foram estes os recursos e linguagens da aproximação, que movimentam o cotidiano, dando-lhes funções que transcendem os limites de uma formação puramente musical e/ou artística. A ênfase é a criatividade, o popular, o tradicional, os conhecimentos de todos (crianças e adultos) ao invés da padronização, da cópia e do global. Afinal, quem são esses os cipoenses que habitam o entorno da Fazenda do Cipó?

Em busca constante por esta resposta, as oficinas artísticas prontamente começaram a registrar as memórias dos mais velhos, sejam por meio de canções, por desenhos e gravuras. Com o passar do tempo, a necessidade se tornou o desenvolvimento de programas de preservação e recuperação dos patrimônios culturais dessa comunidade, visando à emancipação, a sustentabilidade e a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e comunidades envolvidas a partir da gestão participativa e da valorização da memória coletiva.

Algumas situações que evidenciam essa proposta defendida pelo Ecomuseu do Cipó podem ser observadas nas produções realizadas pelos participantes nas oficinas de arte educação. Tomemos como exemplo a educação patrimonial, extremamente importante para a integração de todas as áreas, fonte para criação artística. A partir dos dados recolhidos nas oficinas, foram confeccionados livros artesanais de histórias locais, brinquedos, organizadas coleções de objetos de antigos moradores, exposições, vídeos e mostras.

Em um momento específico durante a troca de saberes entre os participantes de todas as idades, percebeu-se que várias falas giravam em torno das “épocas” do Cipó, que não eram, necessariamente, divididas como os meses formais de um calendário global – janeiro, fevereiro, março, etc. Desse modo, veio a necessidade de criar, com as informações recolhidas desses tempos vividos tipicamente pelos moradores da região, o “nosso calendário” ou os “calendários dos tempos”. Trabalhou-se o texto coletivamente sendo produzidos desenhos e pinturas com os dizeres de cada época. Posteriormente, colocados no computador para formalizar os calendários que eram distribuídos nas escolas e instituições da região. Alguns chegaram a utilizar o material para impulsionar outros conhecimentos dentro da sala de aula.

Posteriormente tratados de calendários socioculturais, estes se tornaram uma referência para os participantes que tomavam gosto pela sua própria cultura e davam valor para aquele aprendizado que adquirira na vida, na lida do dia a dia, na observação do céu, da mata, do rio, das coisas, ditas comuns, mas que agora tornava-se patrimônio. Ressaltava-se um importante bem cultural da gente do Cipó.

Outra amostra única no reconhecimento e protagonismo da comunidade através da arte acontece nos encontros musicais. Por um tempo, estudou-se os ritmos mineiros como congado, serra abaixo, serra acima e o batuque. Foram realizados ensaios em várias formações de pequenos a grupos maiores, com aprendizado de



novas técnicas nos instrumentos, além de habilidades como concentração, postura, coordenação motora, socialização, escuta, entre outros. Com os alunos mais velhos se iniciou uma pesquisa de canções e histórias de “causos” antigos, findando em arranjos coletivos - união de estudos musicais e dos patrimônios imateriais coletados, baseados nas letras e melodias trazidas das oficinas. Abaixo é transcrita uma canção lembrada por uma senhora do projeto de 86 anos que, emocionada, contou para todos a sensação de ver passar um carro de boi pela Fazenda do Cipó:

Título: Carro de Boi

Autoria: Desconhecida (brincadeira canção popular do Cipó)

Quando eu saio com o meu carro, a guinchar por toda estrada  
 Os parceiros sempre esbarro a tocar sua boiada  
 Eu então mais que ligeiro junto a junto com ferrão  
 E vou logo encontrando com os tropeiros lá do sertão.  
 Aos depois sem mais demora eu pra vila vou tocando  
 O meu carro estrada afora, vai chiando e vai cantando.  
 Inhê...  
 Por acaso mais Varisco, vai a Canga com barroso  
 Grito logo ei a quisto, junto passo com formoso  
 Quando o sol vai despontando eu na vila dou entrada  
 E vou logo despejando o que vejo na Carrada.  
 Aos depois sem mais demora eu pra vila vou tocando  
 O meu carro estrada afora, vai chiando e vai cantando.  
 Inhê...  
 Quando eu chego no arraiá com o meu carro encantador  
 Todo o povo do lugar me recebe com fervor  
 Eu vou só de porta e porta a correr de venda em venda  
 Prometendo que na volta trarei a encomenda.  
 Aos depois sem mais demora eu pra vila vou tocando  
 O meu carro estrada afora, vai chiando e vai cantando.  
 Inhê...

(Música disponibilizada no canal do Ecomuseu do Cipó no youtube.com)

A seguir, são também transcritas duas letras produzidas coletivamente com participantes de diferentes idades:

Título: Hoje no Cipó tem

Autoria: Projeto Música na Serra (produção coletiva)

Hoje no Cipó tem  
 Comércio carro posto de saúde  
 Luz elétrica, televisão e rádio  
 Computador e telefone celular.

Mais gente, mais lixo, mais poluição.  
 Mais turista, mais sujo, mais confusão.  
 Que história é essa que você não vê  
 Nossa terra tem beleza e tudo tem um preço

Cipó é natureza é encontro de estórias  
 Podemos pegar, sentir, tocar e ser.  
 Faça a diferença fique na memória  
 Gente, água, terra, futuro a colher.

(Música disponibilizada no canal do Ecomuseu do Cipó no youtube.com)

Título: Rap do Cipó  
 Autoria: Projeto Música na Serra (produção coletiva)

Acordo sete da manhã e vou logo para a escola.  
 Passo pela estrada, passo pela ponte,  
 Correndo vejo o horizonte.  
 Serra do Cipó, é o rap do Cipó!  
 Olha o menino brincando no mato,  
 Pula e corre pega carrapato.  
 Vai caminhando e levando o seu sonho adiante pela vida.  
 Nunca sozinho pois é alegria, tem a força dessa terra.  
 Serra do Cipó, é o rap do Cipó!  
 Verde azul, tem a terra  
 Alegria amizade correria e muita água.  
 Serra do Cipó, é o rap do Cipó!

(Música disponibilizada no canal do Ecomuseu do Cipó no youtube.com)

Ao revisitar essas ações realizadas pelo Ecomuseu do Cipó através das oficinas de arte, música e patrimônio se confirma a multiplicidade, a diversidade e a singularidade na produção das pessoas da comunidade do entorno à Fazenda do Cipó. São trabalhos que se mostram para o mundo em forma de expressões artísticas, como desenhos, músicas, composições, pinturas, fotografias e diversas ações propositivas baseadas na história mineira e, principalmente, no que querem dizer e como desejam se afirmar no mundo.

Cada produção, que faz parte dessa história comunitária, também traz consigo uma palavra, uma brincadeira, um som, uma ideia, como potência de um pensar estritamente ligado às ações do fazer, como uma palavra-chave, que possibilita a passagem de um universo a outro: do cotidiano, do comum para a ludicidade e a liberdade, presentes naturalmente na arte. Através da criação de uma poesia coletiva e/ou rearranjos de canções lembradas pelos mais velhos, ou de estudos de ritmos

populares e reconhecimento de saberes, é possível transcender o ensino da arte e, de fato, valorizar o desenvolvimento humano.

Neste sentido, entende-se que o Ecomuseu do Cipó amplia e unifica suas ações, de forma que sua contemporaneidade está no desenvolvimento do Centro da Memória Viva. Neste, os adultos e jovens têm avançado nas entrevistas às personalidades relevantes da região e que, de alguma forma, conectam-se à Fazenda do Cipó. Do registro áudio visual, o material retorna às oficinas de música e arte onde são revividos, reinventados em um contínuo movimentar do grande “lago” da cultura viva.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a trajetória e as ações desenvolvidas no Ecomuseu do Cipó entre os anos de 2010 a 2020, percebemos a importância, no processo da museologia comunitária, na ação de escutar, aprender e participar. Sendo, portanto, o fruto desse trabalho o respeito e a empatia aliados a um esforço persistente de contribuir na construção de uma cultura da paz, que nos faz avançar preservando os diversos mundos de que somos herdeiros e que habitam em nós.

Essencialmente, a dimensão social da vida em comunidade prevalece quando despertamos para o interesse pelo patrimônio cultural, por identidades, tradições e criações. Dessa forma, as ações artísticas ao assumir uma museologia que considera o coletivo, altera a visão de um mundo antropocêntrico e passa a levar em conta as necessidades dos grupos sociais atendidos na gestão democrática com foco na diversidade.

Esse caminho não poderia acontecer de outra maneira que não fosse através da aproximação dos participantes com a arte, pois é ela que permanece, provoca em crianças, jovens e adultos o desejo e o apoio para enfrentar as apreensões da vida e ultrapassar a noção da sua própria capacidade. Portanto, passam a ser livres para movimentar, criar, dialogar, expressar sentimentos e inquietações, trocando memórias entre diferentes gerações. Também, tal experiência promove distintas percepções sobre o momento atual ao mesmo tempo em que projeta o futuro através das suas potencialidades, fomentando o protagonismo por meio da cultura.

E, muito antes de acolher o conceito de ecomuseu, o projeto já existia porque ali a arte estava presente e, de certa maneira, foi a responsável, junto da comunidade do entorno à Fazenda do Cipó, por trilhar caminhos a serem seguidos, sem medo de inovar e de acolher o diferente. Muito pelo contrário, com ações dinâmicas e sinérgicas, esse contínuo movimentar provocou o direcionamento de culturas, fortalecendo a autoestima de indivíduos dentro de um determinado grupo, garantindo o direito à memória, expandindo a visão sobre onde vivem e os caminhos que desejam, conscientemente, tomar. Quanto mais a arte, a cultura, a tecnologia e a cidadania agregarem seus valores e conhecimentos singulares à educação, mais estarão cumprindo seu papel no desenvolvimento dos potenciais humanos.

A metodologia musical colaborativa, desenvolvida no dia a dia do projeto com todos os participantes, ganhou um novo sentido e significado quando estruturada sob vias singulares, de forma que o humano passou a ser compreendido em sua natureza global, mas também única, conduzindo o conhecimento sobre si mesmo, sobre as relações com o outro, com as possibilidades e sobre o próprio conhecimento. Esta é condição necessária para o engrandecer humano, ou seja, para o desenvolvimento pleno das pessoas e do seu papel transformador nas comunidades onde vivem.

Portanto, a museologia comunitária se efetiva quando está em sintonia com o contexto histórico, político e social, de forma a viabilizar a compreensão da realidade em que se vive de forma abrangente. Por conseguinte, o processo de ensino-aprendizagem deve incluir possibilidades pedagógicas que estimulem um olhar mais amplo sobre a diversidade cultural. Nessa concepção, a arte/música aliada à educação patrimonial é um lugar de transmissão do conhecimento interdisciplinar, sendo capaz de oferecer um leque de oportunidades de expressão, de reconhecimento e pertencimento, contribuindo ao contexto do ensino integral e singular.

Tecendo nossa história, o Ecomuseu do Cipó mostra que, quando uma ideia é verdadeira e necessária, ela por si acaba movimentando pessoas e instituições. A partir daí, busca incentivos para que esse movimento tão forte não permaneça imóvel e, pelo contrário, que possa engendrar sempre mais caminhos para a comunidade e com a comunidade. Essa, sem dúvida nenhuma, é a maior conquista: o fortalecimento das pessoas demonstrando que o acesso à história, informação e identidade cultural é o maior bem que podemos ter, pois como já dizia Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, nos poemas *O Guardador de Rebanhos* (1911-1912), “é mais livre e maior o rio da minha aldeia”.

## REFERÊNCIAS

BRITO, Teca Alencar de. Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2001.

Canal do Ecomuseu do Cipó. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCZUSkal6\\_b30dZm3fP7RgvQ](https://www.youtube.com/channel/UCZUSkal6_b30dZm3fP7RgvQ). Acesso em: 17 de jun. 2023.

Ecomuseu do Cipó. Música Carro de Boi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cJ7oypkds4o>. Acesso em: 17 de jun. 2023.

Ecomuseu do Cipó. Música Hoje no Cipó tem. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GTx3tBgw4\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=GTx3tBgw4_Q). Acesso em: 17 de jun. 2023.

Ecomuseu do Cipó. Música Rap do Cipó. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2P8pbbveRT0>. Acesso em: 17 de jun. 2023.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. ARANTES, Antônio Augusto (org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, p. 31-49, 2000.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. O espírito criador e o ensino pré-figurativo. In: KATER, Carlos (org.). Educação musical – Cadernos de estudos. Belo Horizonte, Atravez/EMUFMG/FEA/FAPEMIG, nº 6, p.53-59, 1997.

MONTELAUR, Jean. Na Trilha dos Bandeirantes. Paris: L’Edition Française Illustrée, 1918.

MOUTINHO, Mário. Museus e Sociedade: reflexões sobre a função social do museu. Caderno de Patrimônio, 1989.

PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos. In: Poemas de Alberto Caeiro. 10ª ed. Lisboa: Ática, p.104, 1993.

PRIOSTI, Odalice; MATTOS, Yara. Caminhos e Percursos da Museologia Comunitária. In: Cadernos de Museologia, nº 28, p. 71-92, 2007.

PRIOSTI, Odalice; PRIOSTI, Walter. Ecomuseu, memória e comunidade: museologia da libertação e piracema cultural no Ecomuseu de Santa Cruz. Rio de Janeiro: Camelo Comunicação, 2013.

Projeto Música na Serra. Jaboticatubas: Digital Master, 2013. CD. Faixa 5, 6 e 10. Site da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC. Disponível em: <https://abremc.blogspot.com/>. Acesso em: 17 de jun. 2023.

Site do Ecomuseu do Cipó. Disponível em:  
<https://ecomuseudocipo.wixsite.com/ecomuseu?fbclid=IwAR1Vi0qhMP29jUPBCjTHjLh6GuGZNaA9qzL7W4z4MjhaIRPqCxp7DwyophU>. Acesso em: 17 de jun. 2023.

WALSH, Catherine E.; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e Pedagogia Decolonial: para pensar uma educação outra. In: Arquivos analíticos de políticas educativas, vol. 26, nº 83, p.1-16, 2018.